

# Teresa: um mar de imagens



conceitos

*“My light-work should recall a sensual interaction between object and public, transforming the building with the light-art piece into something mystic, non-material, different; leaving a long-lasting impression of having been part of a night where, with the help of strong light projectors, just light transformed bricks and stones into something else. It’s art that vanishes by switching off the machines and that remains in the memory of those who somehow were attracted by it in one way or another”, Teresa Mar*

A luz é capaz de transformar um edifício, a ponto de nos lembrar que cada objecto já foi em tempo imaterial, foi em tempo uma ideia. Para a artista Teresa Mar, a luz é uma ferramenta metafísica para desmaterializar o património, a história, não menos que os mais modernos edifícios, a paisagem da contemporaneidade.

Mar fá-lo através de imagens-sequência, de efeito abstracto, que aflora à superfície de edifícios. A sua matéria prima é a luz, na forma de colagens digitais, colocando-as em trabalhadas tapeçarias lumínicas que se desenrolam subtilmente, em câmara lenta. Por vezes, o *slideshow* nem sequer cede à tentação do movimento, deixando este à divagação do olhar do espectador. Mar, quase sempre, limita-se a despir o edi-

fício ou a vista da sua fixidez e a inicia-os na tal desmaterialização da pictórico.

Tecnicamente, não estamos longe das ‘pinturas de luz’ de Maya e Purnelle, dos varrimentos de Miguel Chevalier Chevalier, dos ‘fatos completos’ dos CASA MAGICA (de todos eles temos dado conta nestas páginas), mas em Teresa há outro mar: uma entrega ao sentido da ocasião, toda ela feminina, sensual. Onde outros artistas procuram ser explícitos nos seus programas – a interação de base tecnológica, a piscadela de olho à política urbana, a temática social ou o cinismo de ‘dar espectáculo’... — Mar está equidistante quer de tais retóricas, quer do mero embelezamento. A sua obsessão é a de uma procura do surpreendente – um tipo de beleza que há muito investiga – e que escolheu partilhar connosco na tela gigante que é o edificado urbano.

Tal procura não é só trabalho de ateliê, onde também faz colagens tradicionais em papel; não é também a simples aplicação de padrões sobrepostos às formas urbanas; é outra coisa, mais subtil: é um dialogo entre o contexto – ele estuda atentamente as suas ‘telas’ – e a inspiração – o respeito pelos desenhos que brotam enquanto reacção às condicionantes de partida, da duração da projecção às necessidade de comunicar um assunto. Na prática, o que poderia não passar de uma ‘capa de luz’ torna-se num factor de qualidade ambiental, que – repita-se – nasce com a surpresa de ver o que se vê todos os dias completamente transfigurado por aquelas cores

e tramas cuja estrutura caótica conseguimos apreender apenas até certo ponto.

Porque para Teresa Mar é fundamental manter o espectador em suspense; as imagens parecem flores mas um olhar atento descobre outras formas; elas parecem mover-se e estão imóveis, ou parecem estar imóveis e afinal mudam. O efeito é de um tempo próprio, avesso à fúria da comunicação publicitária, e que entra em ressonância com o que à partida o edifício e o espaço teriam para oferecer (ainda antes, naturalmente, da iluminação funcional pública).

## VISÕES

Estas peças, depois, não podem ser levadas para casa; ou melhor, podem, mas sob a forma

**‘EQUILIBRIUM’ EINDHOVEN, ST.CATHARINA, 2010**



**‘LIGHTLINE’, VIENNA AIRPORT TOWER, 2006**





'WHITESPIRIT', KARLSKIRCHE, 2010

secundária de fotografias fantásticas ou farrapos de memória; são obras que valem pelo efeito que criam no momento, por vezes, um breve relance surpreendido ao fim de uma rua, como quando a artista esteve em Portugal, em Sintra, no Festival Lumina, em 2011.

De qualquer forma, os sentidos guardam essas imagens-lugar-tempo melhor que a película ou o ficheiro digital, porque há um contacto com a noite que é irrepitível. Tal contacto é muitas vezes criado na proximidade com a estética 'son et lumière', e mais uma vez não são as imagens aqui ao lado que conseguirão dar as notas de sinestesia que caracterizam estes diálogos entre o lugar e sensações. Uma coisa é certa: mesmo no registo fotográfico, e em especial quando comparamos obras ou momentos de uma mesma obra – os slides em sequência – percebe-se que não estamos perante projecções narrativas ou efeitos de decoração; e também não há mensagem, nem sequer signos facilmente reconhecíveis (apenas elementos dispersos num ritmo musical). Então, de onde vem o charme desta adorável artista? Da opção assumida pelo superficial – a obra não está nem no slide original (as pinturas sobre as transparências) nem sequer no edifício vivamente iluminado (o tipo de projecção é particularmente vívido); é o carinho com que estas colagens – que se percebe serem fruto de um labor demorado – aparecem a iluminar o nosso quotidiano. E então, dá-se esse sortilégio de olharmos uma pintura em que o tema não é o que interessa; em que a composição é mais aleatória do que seria suposto; e em que as cores têm a familiaridade de recortes de revistas... e no entanto, o conjunto é de uma serenidade mágica.

#### PEÇAS EM PANI...RAMA

Mar costuma dizer: 'A base da arte digital é a luz'. Talvez esteja aqui uma pista para se entender o que ela quer dizer com as suas projecções. A estética de Teresa Mar é indissociável de uma tecnologia específica. A técnica informa decisiva-

mente o efeito. A artista recorre exclusivamente a projectores PANI, empresa com a qual tem desenvolvido inúmeras parcerias. A ideia de imagem que Mar persegue pode passar pela selecção de linhas de um desenho bidimensional – 'LightLine', Vienna Airport Tower 2006 (1 Pani BP 12); ou em alternativa fazer sobressair um jogo de volumes tridimensionais – 'MetaMorphosis', Landtmann 2009 (1 Pani BP 6); ou ainda cobrir as superfícies com padrões rítmicos complexos cuja estrutura é impossível captar à primeira olhada – 'White-Spirit', Karlskirche, Maio 2010 (2 Scroll-Films, 2 Pani BP12).

Para que o efeito de escala urbana funcione, a artista tem muito cuidado em estabelecer uma distância de visualização razoável; é fundamental que, como se a cidade fosse uma gigantesca galeria de arte, ao aproximarmo-nos da obra, para vermos os pormenores, possamos fazê-lo em conforto, com naturalidade. Aliás, também aí a tecnologia faz a diferença: em certas peças – mega projecção de seis PANI em Berlim –, os projectores estão a 130m da imagem!

Mais uma vez, é este cuidar feminino da acção da contemplação que distingue esta obra da de muitos criadores que dominam a escala, a linguagem, a tecnologia, mas de forma ostensiva, sem desenhar uma atmosfera adequada para o encontro. Senão vejamos: em Karlskirche, o efeito do espelho de água multiplica a peça como num caleidoscópio; em Eindhoven, é a praça que funciona como *passé-partout* monumental para a fachada gótica – 'Equilibrium' Eindhoven, St.Catharina, Novembro 2010 (4 Pani BP 12 / *sound-art*: Michael Trommer, Dubreak).

Talvez consciente de que tem de balancear o seu poder (técnico) de atracção com a subtilidade da sua persuasão (artística), Teresa trabalha deliberadamente com arquétipos, como é o caso das imagens que reconstrói a partir de elementos gráficos retirados dos media; as imagens são portanto originalmente acessíveis, dizem coisas que toda a gente entende, independentemente da metodologia gráfica – a colagem – que depois as torna especiais. Isto é, algo da ordem da convenção visual cruza-se com a fantasia, e isto – não é demais frisá-lo – é possível porque é a superfície que se anima através do rigor da projecção. Esta anima-se porque o recorte da imagem é extraordinário, impressiona. Aliás, os projectores, ao permitirem uma justaposição impecável (1, 2, 3...), facilitam a apropriação de qualquer altura, de qualquer extensão arquitectural ou espacial. Quase não há limites à conquista a que a imagem se atira. E isso demonstra-se,



'METAMORPHOSIS', LANDTMANN, 2009

como na peça sobre uma montanha no Tirol: '7th mountain', Tirol, Março 2011' (3 x HX 7kW).

Ora a PANI, cujos responsáveis têm acarinhado a carreira de Mar, é uma marca reconhecida no campo da iluminação para o palco. A sua especialidade são os slides de grandes dimensões, cuja qualidade cromática ultrapassa qualquer projecção vídeo ao nível da temperatura de cor e da estabilidade visual (*flicker rate*). Mar: "It's highly important for me... to reach a 'real colour' and not that chemical colour like eye-cutting pink, screaming green and icy yellow...".

Em Portugal, o representante exclusivo da marca é a ONEWAY, que opera no mercado dos Meios Alternativos de Publicidade New Media, do design 3D, da Produção, dos Eventos e Audio-visuais. A empresa tem realizado projecções arquitecturais para a Semana da Juventude em Cascais (Cascais Artspace 2012), TMN SW 2011, ou, mais atrás, para o Lisboa Dakar 2008. A ela coube realizar a peça de Teresa Mar, na sua passagem por Sintra. Resta-nos desejar que não tenhamos de esperar muito tempo por mais da sedutora magia da arte de Teresa Mar. ■

Teresa Mar é de origem austríaca e vive entre a Áustria e Barcelona. Desde 2003 que desenvolve um trabalho em que aplica processamento de imagem digital na projecção de colagens sobre edifícios ou paisagens. Esteve em Portugal pela primeira vez em 2011, participando no Festival Lumina, em Sintra, com uma projecção sobre o Edifício do Turismo. Aí, o tema da luz lunar inspirou uma interpretação romântica do Monte da Lua.

